ANO I — N.º 39 — PREÇO: 1 ESCUDO
LISBOA, 12 DE FEVEREIRO DE 1942

O SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA fotografado especialmente na Cidadela de Cascais para «Vida Mundial Ilustrada» na véspera da sua reeleição.
(Foto Armando Serôdio)

VIDA MUNDIAL ILUSTRADA
SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

panorama internacional

CÍRCULOS CONCÊNTRICOS

por Francisco Velloso

A uma e outra banda da imensa frente em que se defrontam os dois grandes blocos inimigos, começa o frémito dos preparativos para os lances da luta ciclópica anunciada para êste ano. Entre o estrépito do assalto japonês à ilha de Singapura, o rolar da ofensiva moscovita para oeste, a ressaca de Rommel na Líbia ao longo da costa, com Ritchie em flanco, para cortar a êste os abastecimentos marítimos, passam muitos pequenos factos e sinais que, após o grande acontecimento do Rio de Janeiro, assinalam um período febril e inquietante e o panorama geral em que a guerra, em derradeira análise, vai enfurecer-se.

O PLANO DE UM BLOQUEIO

DALTON
Ministro do bloqueio inglês

Em 22 de Agosto de 1941, o *Neus Wiener Tageblatt* publicava uma exposição mostrando como os Aliados, operando por linhas exteriores, contra a enorme fortaleza alemã na Europa, poderiam desenrolar o sistema do seu envolvimento às potências do *Eixo*, incluindo o Japão. O desenho é daqueles que vale a pena ser observado:

«Tinha sido prevista uma linha de bloqueio que, passando pela Islândia, Açores e Cabo Verde, de Dakar ou da Gambia britânica cortaria a África, e que, do Egipto, da Palestina, da Transjordânia e do Iraque se estenderia para a Índia. O prolongamento desta linha assim encarada torna-se ainda visível na ameaça ao Sião e à Indo-China a partir da Birmânia, no contacto estabelecido com Chang-Kai-Chek. Para além, a linha passa nas Filipinas, e por intermédio de certas estações-bases no Oceano Pacífico (a ilha de Guan) vem prender-se a Honolulu. Ao norte é completada pelas Ilhas Aleutinas tendo como terminal Petropawlosk no Kamtchatka ou, eventualmente Vladivostok. Completa-se ao sul por Gamoa e pelas ilhas anglo-holandêsas do Arquipélago Malaio que têm em Singapura o seu centro de fôrças. Por detrás da frente atlântica, como segunda linha de defesa, estende-se uma cadeia de pontos de apoio que vai desde Halifax às ilhas Falkland, passando pelas Bermudas, pelas Índias Ocidentais e pela Ilha da Trindade, linha preenchida por outros pontos que há o propósito de arrancar a bem ou a mal aos países recalcitrantes: o Brasil (Natal e Pernambuco) e o Uruguay».

Se o leitor sublinhar num mapa-mundo êstes pontos básicos e os unir por linhas estratégicas, verificará que, nos meados do ano passado, havia na Alemanha uma concepção exacta e realista do plano geral que, para o investimento do bloco do Eixo, os Aliados tinham estabelecido. E o expositor germânico concluía: «O objectivo é evidentemente separar as populações que vivem no interior dêste círculo, dos territórios sitos fora dêle e que são os mais ricos em matérias-primas, cereais, alimentos para gados, carnes, gorduras vegetais, matérias têxteis, cauchú, petróleo, etc. Ao mesmo tempo, o Japão é combatido em todos os seus projectos visando a organizar sob o seu comando o Extremo Oriente. E do Próximo Oriente passa-se a uma frente no Cáucaso que, ou sustentará a União Soviética ou porá em segurança ou destruirá os poços de petróleo».

Nada mais interessante neste momento que verificar, por ajustamentos na linha geral dêste envolvimento e a partir da data em que ela foi tracejada, os pontos onde ela se amolgou ou cedeu, aquêles em que ela se manteve ou fortificou, quer para o *Eixo* quer para os Aliados.

POR LINHAS INTERIORES

CUNNINGHAM

Tal como em 1941 — embora a concepção da *guerra-relâmpago* prove que inicialmente Hitler e o seu estado-maior político e militar ilusòriamente admitiam que ao cabo de uma guerra de seis meses, tudo baquearia a seus pés — a Alemanha está operando outra vez por linhas interiores. Quando em Junho de 1941, o exército alemão se lançou sôbre a Rússia, fechou-se para o *Eixo* o círculo de estreitamento na Europa. A partir dessa data, que foi a mais feliz de Churchill, o problema da manobra acima indicada pôde chamar-se nesta guerra, o do *espaço vital alemão*. Os esforços empregados pela Alemanha tenderam desde então a perfurar a cintura envolvente.

Em Setembro de 1939, já o seu movimento contra a Polónia para, com tempo, reter o seu adversário ocidental, obedecera à mesma ordem estratégica. O êrro francês foi não atacar a Linha Siegfried, nessa altura menos guarnecida, e confiar em que a Linha Maginot e o bloqueio dariam a vitória sem custo. Senhora da França, a Alemanha lançou então uma manobra de envolvimento circular sôbre a Inglaterra, manobra que se desenvolveu desde Brest, pelas costas da Bélgica, da Holanda e da Dinamarca até Narvique. Falha a batalha de Inglaterra. No verão de 1941, a Grã-Bretanha está diante do problema mais grave. Depois da descida pelos Balcãs até Creta, a Alemanha beneficia da manobra por linhas interiores sôbre o Próximo Oriente e sôbre o Mediterrâneo. Gestos rápidos e bons êxitos colhidos de golpe salvam à Inglaterra a Síria e o Iraque, mas tem o inimigo às portas do Egipto e tanto quanto lho permite a frota britânica de Cunningham, os transportes germano italianos conseguem ir da Sicília ou a coberto das águas territoriais francêsas, mais depressa à África do Norte do que os transportes inglêses e americanos de Inglaterra a Alexandria.

Foi nesta conjuntura que Hitler, iludido, cometeu o êrro de invadir a Rússia, êrro de que vai pagar juros por tôda a guerra, como a Inglaterra tem pago o da subversão da França e da política de Vichy haverem arrebatado à sua esquadra as preciosas bases naturais do Mediterrâneo ocidental que os acôrdos entre os estados maiores navais lhe tinham garantido.

A guerra a léste é a Alemanha forçada a desgastes crescentes de efectivos, mas é sobretudo a Alemanha obrigada a reverter à manobra por linhas interiores e, como se queria demonstrar, a procurar desapertar a adstringência do círculo de que os Aliados tentam envolvê-la e que a transcrita exposição alemã descreveu.

A conservação a todo o transe do exército de Rommel na Líbia, interceptando a segurança da via directa de comunicações entre as Ilhas Britânicas e o Egipto, é o primeiro ponto em que a Alemanha busca a rutura da linha adversária numa artéria vital de ligação para o Próximo Oriente.

Mas a Rússia, teimosamente, resiste e passa depois à ofensiva. E Hitler lança na batalha outro trunfo para perfuração do envolvimento inimigo: o Japão. É já um golpe audacioso porque os Estados Unidos entram na guerra. E a resposta ao golpe japonês dão-na os Aliados completando a frente de bloqueio com a formação do bloco das Américas que transforma totalmente o conflito.

Quando Hitler há pouco dizia não saber quando e como terminará a guerra não queria significar acima de tudo que ela modificou por completo os planos e os sonhos, que os valores são outros, que os Aliados e o bloco das potências do Eixo movimentam-se hoje em dois círculos concêntricos e que a guerra de 1942 e 1943 vai copiar em termos gerais, política e militarmente a de 1914 a 1918?...

APRESTOS E POSIÇÕES

BARDOSSY

Tudo o que passa marcha nesse caminho. Depois das Conferências do segundo meado de Janeiro em Budapeste, o presidente do Conselho Bardossy anunciava no dia 31 dêsse mês que a Hungria ia entrar ao lado da Alemanha na guerra à Rússia, como aliás se previra. A Alemanha, diante de um adversário implacável a léste tem necessàriamente de reforçar nas alianças (os corpos voluntários pouco lhe renderam) uma compensação do desgaste dos seus efectivos, tal como a Inglaterra, segundo a recente declaração de Churchill, poderá dispôr das suas tropas territoriais de defesa, à medida que os novos contingentes norte americanos desembarquem.

Goering apareceu em Itália nos primeiros dias dêste mês de Fevereiro e já se deixa entrever intencionalmente que do patamar italiano vão ser dirigidos novos ataques sôbre o Egipto e tôda a África do Norte e talvez sôbre o Próximo Oriente. O correspondente da «Tribune de Genéve» em Roma referindo-se a essa viagem de Goering, informava que nem só o Norte de África a explicava: «Neste momento, os inglêses estão fazendo grandes concentrações de tropas na Síria, perto de Alexandreta, e calcula-se que haverá brevemente novidade naquele sector».

A Assembleia Nacional turca aprovara, no dia 29, novas medidas a incluir na lei de Salvaguarda Nacional tendentes a concentrar nas mãos do govêrno tôdas as actividades do país, a-fim-de as colocar em pé de guerra, ficando o govêrno autorizado a requisitar todos os estabelecimentos industriais e concentrando nas suas mãos a produção e a distribuição dos produtos do país e o comércio externo e a fiscalizar os preços. Novos créditos eram concedidos para a defesa nacional.

A própria organização de um govêrno pseudo constitucional na Noruega chefiado por Quisling, (o homem cujo nome tem dado mais alcunhas prejorativas nesta guerra), que se diz ir brevemente a Berlim assinar uma *paz separada*, que seria o cúmulo dos cúmulos porque êle jàmais fôra inimigo de Berlim, — mais não pode ser do que vanguarda de outros lentâmes para uma nova configuração europeia de ordem política-económica.

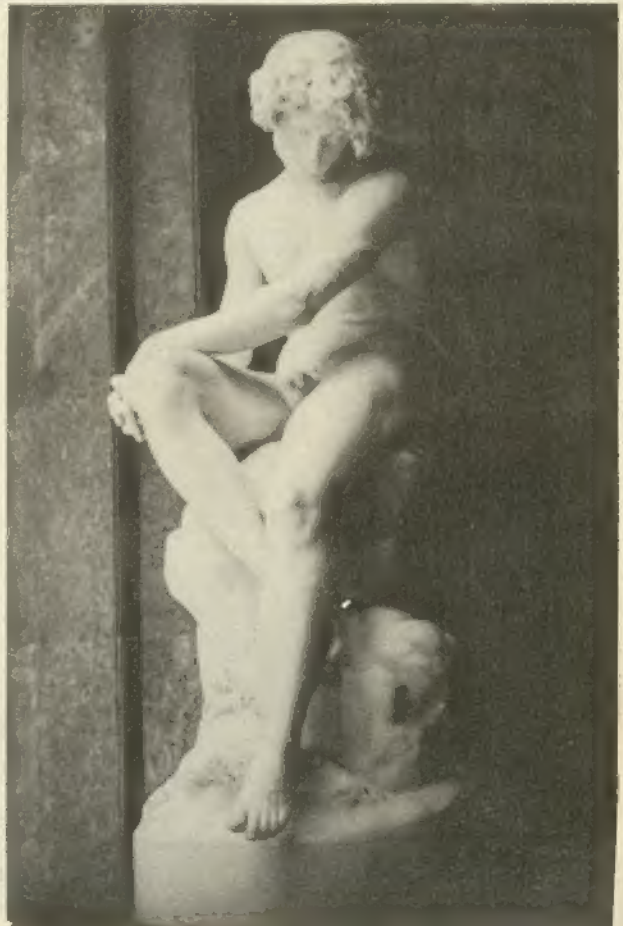
Não devem rodar por longe destas finalidades as recentes declarações de Brinon, o embaixador de Vichy em Paris, quando no dia 31, entrevistado por jornalistas, lhes pediu que suspendessem os seus ataques ao govêrno de Vichy e reconheceu que os resultados da colaboração franco-alemã não correspondem à espectativa devido às diferenças psicológicas dos dois povos, acrescentando: «O Govêrno de Hitler tem, sem dúvida alguma, uma concepção diferente das negociações diplomáticas da que é habitual entre nós e segundo Darlan, essa diferença é que originou uma situação que «pode muito bem parecer desesperada».

E prosseguindo, De Brinon exprimiu a esperança de que «as mais altas autoridades alemãs, que não se cansam de acentuar a necessidade de confiança, sem a qual nenhum gesto de libertação poderá ser feito, anunciarão, finalmente, êste ano, as condições dessa confiança. Só então é que o acôrdo provisório para o armistício poderá ser substituído por uma situação de reconciliação e mútua compreensão».

(Continua na pág. 12)

a glorificação de um grande artista

O MUSEU SOARES DOS REIS no Pôrto

O SR. MINISTRO DA EDUCAÇÃO NACIONAL inaugurou recentemente na capital do Norte, as novas instalações do Museu Soares dos Reis, homenagem ao grande artista plástico que honrou o Pôrto e Portugal. Damos nesta página um aspecto da fachada do Museu e a reprodução de dois dos mais famosos trabalhos do artista: «A flor agreste» e «O desterrado».

Uma tarde na Cidadela de Cascais Com Sua Ex.cia o PRESIDENTE DA REPÚBLICA

por *LUIS DE OLIVEIRA GUIMARÃES*

«O senhor Presidente recebe-o hoje às três e meia na cidadela de Cascais» — tinha-me comunicado, numa afectuosa gentileza, o comandante Jaime Athias, secretário geral da Presidência da República.

Por mais habituado que se esteja à missão, por vezes tão árdua, de entrevistador, não é nunca sem um certo alvoroço e uma certa timidez que nos aproximamos, para as entrevistar, das figuras que o destino guindou a determinada altura. Enquanto o automóvel me conduzia velozmente pela larga estrada marginal, àquela hora cheia de sol, a caminho da cidadela de Cascais onde Sua Ex.ª o general Carmona me recebia pouco depois, confesso que ia ensaiando gestos, frases, interrogações, respostas, procurando desta forma «prever o imprevisto» — se me é permitido o paradoxo — e criar assim uma maior tranqüilidade de espírito. Através das vidraças do automóvel desdobrava-se a cenografia magnífica da paisagem, à esquerda o mar cintilante de espuma, revoante de gaivotas, à direita a aguarela luminosa dos «chalets» e dos jardins, e, ao longe, numa névoa, a mole granítica de Sintra recortada no céu como um perfil gigantesco: quási não olhava. Diz-se que as jovens aristocratas inglesas que pela primeira vez vão ao «Buckingham-Palace» para a clássica apresentação aos reis de Inglaterra, levam, dissimulados nos «bouquets» de flores, pequeninos frascos de sais para as eventualidades. Àparte tôdas as diferenças que me separam das jovens aristocratas britânicas alguma coisa naquele momento — porque não reconhecê-lo — me aproximava delas. É certo que a fidalga singeleza, a sorridente afabilidade e a já proverbial simplicidade acolhedora que caracterizam o actual chefe de Estado português me inspiravam uma reconfortante confiança; a mim próprio me convencia de que tudo iria correr pelo melhor; e recordava, na convicção da sua eficácia, as palavras dum célebre jornalista ao colega que encetava os primeiros passos: — «Quando te aproximares dum grande homem nunca largues as luvas nem o sorriso». Um estrangeiro ilustre que, há tempos, nos visitou, notava-me, uma tarde, falando de política, que os nossos presidentes conservavam, no exercício das suas altas funções, um ar bondoso e patriarcal de chefes de família. Na verdade assim é. Manuel de Arriaga tinha qualquer coisa de cidadão bíblico. Bernardino Machado recebia e cumprimentava tôda a gente. António José de Almeida era uma figura caracterizadamente popular. Teixeira Gomes, não obstante a sua linha fleugmática de «lord», era a pessoa mais acessível do mundo. O general Carmona continua a nossa sorridente tradição presidencial. Homem modesto, tolerante, comunicativo, risonho, familiar, impecável de maneiras e de espírito, vestindo com a mesma fácil elegância uma farda ou uma casaca, um fraque ou um jaquetão, compondo uma flor ao peito com o mesmo despretencioso gesto com que tôdas as manhãs borrifa o seu lenço de sêda de simples água de Colónia, êle encarna, como ainda há pouco li, aqueles dons de afectuosa simpatia em que o português ama, especialmente, ver-se representado. Era ainda, em nome dessa generosa bondade de espírito, que iam abrir-se para mim, de par em par, as portas da sua casa. Cinco, dez minutos mais, e o automóvel chegou ao seu destino; desci; declinei a minha identidade — e entrei na cidadela.

* * *

O Dr. Luís de Oliveira Guimarães entrevistando o Chefe do Estado para «Vida Mundial Ilustrada»

Por um momento, enquanto atravessava a praça de armas em direcção à residência particular do Chefe do Estado, evoquei, instintivamente quási, a história daquela velha fortaleza dentro de cujas muralhas o destino tem escrito algumas páginas memoráveis. Ali, encerrado naqueles muros castrenses, se construiu, em tempos, sob algumas abóbadas, uma espécie de pavilhão destinado ao descanso dos reis e dos príncipes, durante meia dúzia de dias, no verão. Mas hoje aumentando uma dependência, amanhã construindo outra, agora deitando abaixo uma parede, logo rasgando uma varanda, o primitivo pavilhão foi-se modificando pouco a pouco e acabou por se transformar numa autêntica moradia régia. D. Luiz passava ali grandes temporadas e ali morreu num modesto quarto interior. D. Carlos ali se refugiava dos políticos, pintando as suas marinhas, retocando as suas fotografias. Dali saíu o infante D. Afonso, embrulhado num capotão cinzento, na noite de 4 de Outubro — êle que tanto gostava de contemplar o horizonte debruçado naquelas muralhas tranqüilas! Inesperadamente os jornais noticiaram que a cidadela ia transformar-se num hotel de luxo. Por felicidade a notícia não se confirmou. Pelo contrário, as suas prerogativas mantiveram-se, de certo modo. Os reis cederam o lugar aos presidentes. Manuel de Arriaga foi para ali convalescer duma doença grave. Bernardino Machado passou ali mais do que uma vez, segundo creio, algumas semanas. O general Carmona ali estabeleceu a sua residência particular, reservando o palácio de Belém apenas para as funções oficiais. Quere dizer: a nobre cidadela continua, na gloriosa tradição dos seus cabelos brancos, a acolher os chefes de Estado. Estou agora à porta principal do palácio, uma porta simples, modesta, de casa particular sem luxo, que abre para uma pequena escada de acesso ao vestíbulo do primeiro andar. O porteiro, mal ouviu pronunciar o meu nome, sorriu familiarmente e, amável, solícito, indicou-me a escada e êle próprio me acompanhou a um salão espaçoso e confortável rodeado de móveis, de recordações e de «maples».

— O senhor Presidente vem já...

Tudo isto se passou com tanta simplicidade que eu comecei a sorrir dos meus próprios receios protocolares e, com menos preocupações, principiei a observar, segundo as boas regras do jornalismo, o ambiente que me rodeava. Um retrato grande, a óleo, do Chefe de Estado, seguro na parede, entre dois espelhos Renascença, chamou particularmente a minha atenção. Representa o general Carmona com a sua farda de gala, a banda das «Três Ordens» a tiracolo, as mãos amarfanhando uma luva branca sôbre o punho de oiro da espada. Há retratos que reconstituem biografias. Êste pertence a êsse número. Olhando aquela pintura exacta adivinha-se, não apenas o militar aprumado e cavalheiresco, mas o homem do mundo, distinto, elegante, «charmeur», capaz de dirigir uma batalha com o mesmo ritmo com que dirigiria um «cotillon» e cujas mãos seguram o punho da espada com a leveza, quási imaterial, com ergueriam, num brinde a Apolo, uma taça de Champagne. De repente tive a impressão de que o retratado se mexera, descera da sua moldura, dera alguns passos sôbre o tapete e se aproximara de mim: simplesmente, por um fenómeno inexplicável, trocara a farda por um fato escuro. Engano. Era o chefe de Estado, em pessoa, que entrara no salão e que estava agora, a meu lado, como se fôsse o seu próprio retrato vivo.

O sr. Presidente da República na intimidade — ouvindo música e notícias no seu aparelho de rádio

— Que deseja de mim? — preguntou-me Sua Ex.ª o general Carmona, após ter-me apertado a mão.

Compus um sorriso, verifiquei se trazia comigo as luvas e respondi:

— Ouvi-lo, senhor Presidente.

— Uma entrevista?

— De modo algum.

— Nesse caso queira dizer...

Por uma elementar cautela eu tinha escrito no meu «block-notes» as preguntas que desejaria permitir fazer-lhe e, recuperando uma perfeita e inesperada serenidade, não hesitei, um instante, em lê-las, em voz alta, uma a uma. O chefe de Estado fixou-me com um olhar vagamente repreensivo e comentou numa significativa ironia:

— Mas isso é muito mais grave do que uma entrevista: isso é uma autêntica devassa.

De facto eu não me limitava — e isso mesmo já era pouco — a pretender saber determinadas opiniões políticas ou sociais do eminente homem público que generosamente me recebia: eu queria saber ainda o que era a sua existência doméstica, a que horas se levantava, a que horas se deitava, o que comia, o que bebia, quais as suas distracções predilectas, quais as suas justificáveis ambições, numa palavra, tôda a sua vida particular.

— Parece-lhe que isso poderá ter algum interêsse para a marcha actual do mundo? — preguntou-me, rindo, com afectuosa benevolência.

Pedi licença para responder que em volta de certas figuras não há pequenas coisas, que a história vive tanto de grandes factos como de pormenores aparentemente ínfimos e que eu me sentiria lisongeadíssimo se me fôsse concedida a honra de ser literàriamente o reposteiro-mor do chefe de Estado.

— Pode então afastar o reposteiro...

Perto, dois «maples» fofos, admiráveis para confidências, dir-se-ia que nos esperavam.

— E se nos sentássemos?

— V. Ex.ª ordena, senhor Presidente. Ia começar a entrevista — perdão... — ia começar a devassa. Oscar Wilde afirmou um dia que as preguntas nunca eram indiscretas: as respostas é que o eram com freqüência. Desta vez Oscar Wilde teria seguramente de afirmar o contrário.

* * *

Fiquei, desde logo, sabendo que o chefe de Estado se levantava tarde para se indemnizar de tantos dias em que, através da sua existência, se vira obrigado a levantar-se cedo. Logo que sai dos seus aposentos particulares dirige-se ao escritório, abre a correspondência, examina os negócios públicos. Em regra trabalha de pé, fumando, não por vício — oh! não — mas por hábito. Seguidamente lê os jornais. Depois almoça, um almôço simples, quási frugal de militar em campanha. Após o almôço, quando não se desloca ao palácio de Belém ou qualquer acto oficial não exige a sua comparência, recebe algumas visitas íntimas ou cuida dos seus livros familiares. A leitura constitue uma das suas distracções. Raramente lê volumes de literatura pura. As suas preferências vão para os livros de história ou de ciência. Quási todos os dias, à mesma hora, um telefone retine: é a habitual conferência com o chefe do Govêrno. Findo o jantar, instala-se num «maple», no seu recanto predilecto, ao fundo da sala grande, a conversar ou a ouvir telefonia. Em volta, como num serão patriarcal, a espôsa, os filhos, os netos. Deita-se geralmente tarde e não adormece sem uma boa hora de leitura.

— Não consigo dormir sem ler e, quere acreditar, essa hora de leitura tranqüila é uma das poucas horas excelentes da minha vida.

Por uma fácil associação de ideias atrevi-me a preguntar:

— Qual foi o dia mais triste da sua vida presidencial?

— Têm sido tantos que não é fácil apontar-lhe, dentre todos, o mais triste. Na existência, por cada dia em que vitoriosamente se ri, há algumas dezenas em que sentimentalmente se chora. A vida dum Chefe de Estado é uma cruz mais pesada do que muitos julgam. Hoje talvez mais do que nunca. E nem todos reconhecem o nosso sacrifício tantas vezes inglório!

— E o dia mais alegre?

Sorriu:

— Êsse ainda não chegou.

Mas logo quis acrescentar:

— Não levemos em tudo o caso o nosso pessimismo ao exagêro. Há, de quando em quando, certas compensações felizes: uma obra que se inaugura, um projecto que se realiza, uma aspiração que se satisfaz...

— O que o levou a aceitar a sua reeleição?

— O convencimento de que, na hora presente, renunciar podia equivaler a desertar. Disseram-me que o meu posto continuava a ser aqui. Nunca procurei, por vaidade ou interêsse, os postos que tenho ocupado; nunca, por capricho ou comodidade pessoal, os abandonei. Terei, pois, de continuar fazendo o meu quarto de sentinela.

— Quando um dia deixasse a presidência qual desejaria que fôsse o seu destino?

Acendeu um cigarro, soprou o fumo.

— É difícil, neste momento, construir uma aspiração que tenha mais consistência do que o fumo dêste cigarro. Idealizo, às vezes, uma pequenina casa portuguesa com a sua lareira e o seu alpendre onde possa tranqüilamente olhar o crepúsculo, o inevitável crepúsculo da existência, mas, confesso-lhe, é um ideal que tem qualquer coisa de bola de sabão: sobe, cintila um instante e perde-se no ar...

— Como encara, senhor Presidente, o futuro de Portugal?

A sua expressão ilumina-se.

— Tenho tido sempre fé. Muitas vezes, a meu lado, pessoas sombrias profetizam dias tristes. Reagi sempre. Reajo sempre. A fé não move apenas montanhas: salva as nações.

— Neste momento crucial para o mundo qual deverá ser a missão do homem sôbre a terra?

Não hesitou na resposta:

— Construir a paz fundada na eqüidade e na justiça. Mas até que ponto lhe será possível cumprir esta missão? Se o homem foi feito de barro temos de reconhecer que o barro não era de primeira qualidade... De barro frágil, poroso e quebradiço será difícil fazer espiritualmente impecáveis estátuas de mármore, não lhe parece?

A nossa conversa desviou-se depois para a política.

— Porque se fêz político? — inquiri.

Sua Ex.ª o general Carmona riu-se.

— Mas eu nunca fui político. Mais: eu tive sempre um horror instintivo à política. Se eu lhe disser que a primeira vez que votei foi em 1933, está dito tudo. Bernardino Machado acusou-me um dia, num folheto, de eu não compreender os meus deveres cívicos, votando. Foi um desabafo da oposição. Note: se as circunstâncias me conduziram à Política foi — é curioso — para combater a Política...

— Julga que o actual regime português tem, ou pode ter, qualquer semelhança com os regimes totalitários da Alemanha ou Itália?

— Penso que não. Cada país tem a sua psicologia. O «caso português» só muito vagamente poderá ter quaisquer afinidades com êsses regimes políticos.

O chefe de Estado ergueu-se do «maple». Um fotógrafo preparou-se para fazer alguns «clichés», provas irrefutáveis do nosso encontro.

— Tive sempre muita simpatia pelos fotógrafos. De resto, eu também sou fotógrafo, ou melhor, fui. Tirava fotografias à lua, às estrêlas, através dum óculo que adaptara à minha máquina. Enfim uma paixão romântica...

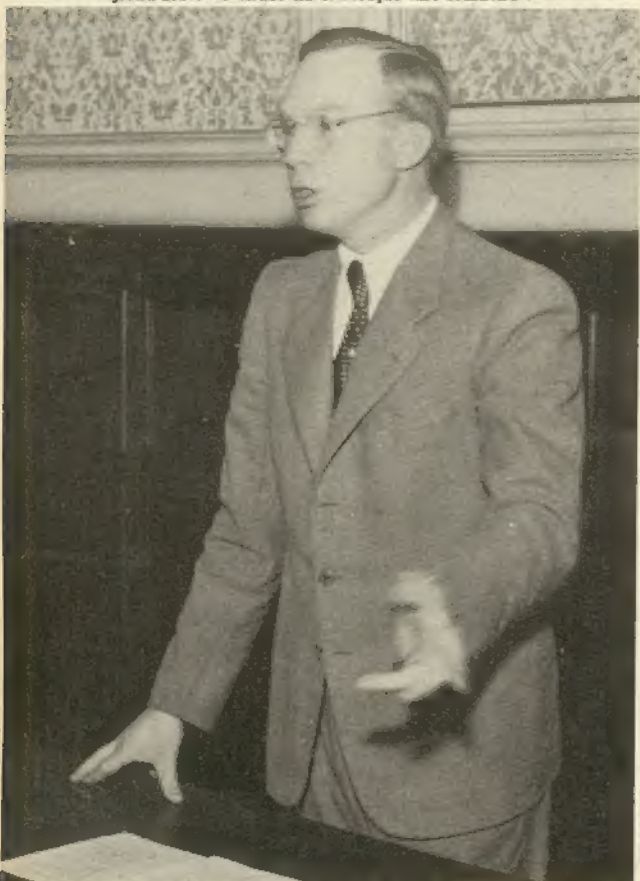
* * *

Despedi-me do chefe de Estado, agradecendo-lhe a sua benevolência, e saí. Cá fora, numa névoa de oiro, caía a tarde. A baía de Cascais esplendia, sob a luz fulva do poente. E no automóvel que me reconduziu a Lisboa eu pude então alegremente, triunfantemente, contemplar a paisagem que se desdobrava à minha volta. O destino desta vez bondoso, convertera para mim essa tarde numa inolvidável tarde histórica.

AS ANTIGAS ALUNAS do Instituto de Odivelas que se reüniram num almôço de confraternização na Casa do Alentejo.

ALUNOS E ALUNAS da Faculdade de Letras durante a festa de recepção aos novos estudantes ali efectuada.

O SR. CABRAL ROCHA fazendo no Rio Sêco Sporting Clube a sua conferência.

O EXPLORADOR FRANCÊS MARCEL HOMET falando na Sociedade de Geografia sôbre «O Arabe na civilização luso-brasileira».

O SR. DR. DIEHL falando no Centro Luso-Alemão de Intercâmbio Cultural sôbre «O destino especial do espírito alemão na história da Europa».

Os navios da INGLATERRA atravessam o ATLÂNTICO

A BATALHA DO ATLANTICO estende-se agora, desde a entrada dos Estados Unidos na guerra, a quási todo o mar intercontinental. Não obstante os violentos ataques submarinos, todos os dias atravessam as águas perigosas «combóios» e «combóios» de navios mercantes que, com a protecção dos barcos de superfície e dos aviões fazem chegar os homens e as mercadorias ao seu destino. Ao cimo, o vigia do barco de transporte atento ao que se passa no ar e no mar. Ao centro, uma fila de navios sulca o Oceano. Ao fundo, aviões preparados para um «raid» no «deck» do porta-aviões britânico «Victoria». — (Foto «Britanova»).

Pequena viagem á volta dos relógios de Lisboa

I

QUANDO se vão deitar os que voltam, fatigados, dalgum baile que durou tôda a noite, já encontram, pelas ruas, os que começam cêdo a sua vida...

Para os lados do rio, a faina colorida das varinas e dos pescadores é como um coração a bater forte no corpo semi-adormecido da Cidade.

— Cinco e meia, no relógio do Cais do Sodré... Todos os dias de semana, à mesma hora, o relógio assiste ao despertar da mesma gente. E a velha cena é sempre nova...

Mas, quando chega o verão, nestes domingos lisboetas, lá vai o Senhor e a Senhora; a melância e o garrafão; o desportista e a menina que gosta de ser morena; o homem cansado das quatro paredes do escritório e do fumo do Café; a mulher que se sente apertada na cinta elegante — procurar, numa praia para lá do Tejo, a vida sàdia ao ar livre, o grito maravilhoso do sol e a harmonia salgada das ondas... E o relógio do Cais do Sodré assiste ao desfile da gente que chega e mastiga os minutos matemàticamente como quem diz aos que passam que o Tempo não pára, nem perdoa...

II

Sé Velha: — um relógio lá no alto.

O sr. Januário vai chegar tarde ao emprêgo. Atirou os olhos lá para cima e resmungou: — «Diabo... mais uma vez!»

Aquela cama, quentinha e fôfa, é a sua desgraça... Depois, lá está o patrão, a olhá-lo por cima dos óculos e a preguntar-lhe se não sabe levantar-se mais cêdo...

E o Januário, como todos os Januários do seu tipo, não tem imaginação e responde sempre «que tem o relógio lá de casa parado nas cinco e meia...» Mas, a desmentir a sua ignorância, o relógio da Sé Velha bate, compassadamente, as onze horas da manhã...

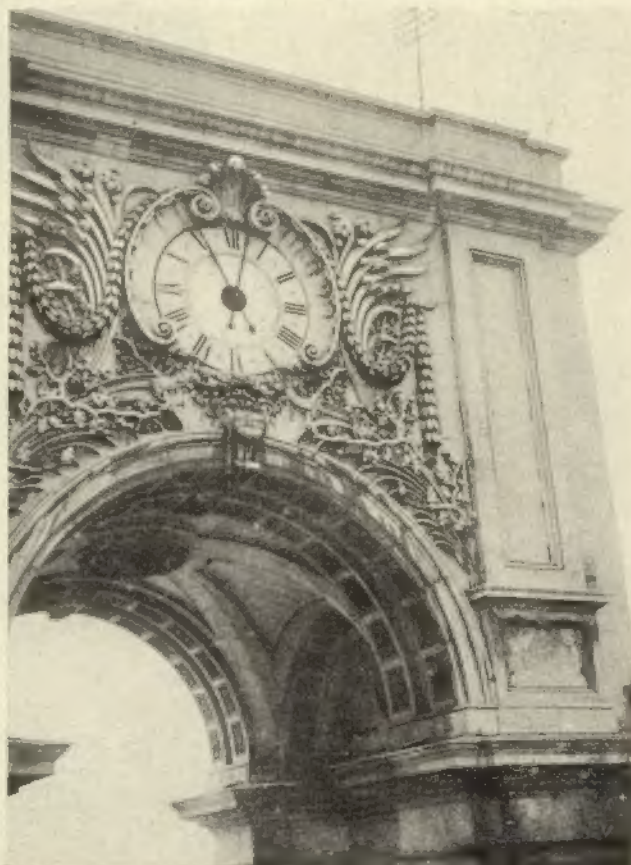
O sr. Januário, que mora perto da Sé, só tem uma solução: — pôr escritos e mudar de casa...

III

Caminhemos... — Aquêle Arco do Triunfo é uma porta enorme virando as costas para a Rua Augusta para poder

(Continua na pág. 13)

Sé Velha: — um relógio lá no alto

São onze horas e meia..

... está atrasado dez minutos...

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

capítulo V * A guerra relâmpago

2

CHURCHILL NO PODER

O início da grande ofensiva alemã contra a França, envolvendo o destino da Holanda e da Bélgica, foi acompanhado dum acontecimento de importância decisiva para a condução da guerra: a constituição, em Londres, dum govêrno de união nacional, presidido pelo homem de Estado que a opinião pública britânica há muito vinha designando como o chefe incontestado da nação em perigo. Winston Churchill que, pela segunda vez na sua agitada carreira política, ocupava o posto de Primeiro Lord do Almirantado (ministro da Marinha), tomou conta do poder num momento excepcionalmente difícil. A impreparação do seu país para a luta em que se envolvera, era notória. A produção de material de guerra, revelara-se insuficiente; o ritmo das construções aeronáuticas era inadequado; o serviço militar obrigatório fôra votado tardiamente; o comando encontrava-se insuficientemente organizado; os desastres diplomáticos tinham-se sucedido, minando o prestígio da Grã-Bretanha no mundo.

O partido conservador detinha, pràticamente, o poder há mais de oito anos. Primeiro, sob a fórmula de uma coligação com os trabalhistas nacionais e os liberais dissidentes, agrupamentos que tinham apenas um significado parlamentar sem repercussões na consciência pública, por fim ostensivamente, impusera, apoiado por uma forte maioria, as concepções de política externa de alguns dos seus homens representativos. Essas concepções traduziam-se por uma desilusão total para o povo inglês. O chefe do partido, sr. Nevile Chamberlain, que não pudera, a-pesar-de todos os seus esforços, salvaguardar a paz, foi encarregado da missão bem mais delicada de conduzir vitoriosamente a guerra. Uma tal situação revelou-se, a breve trecho, incompatível com os interêsses essenciais do Império britânico. A cisão entre os conservadores tornou-se inevitável. Os trabalhistas, que tinham combatido a política de apaziguamento preconizada e realizada pelo sr. Chamberlain, recusavam-se ostensivamente a colaborar com êle, alegando a sua falta de confiança.

O DEBATE NOS COMUNS

O fracasso da intervenção militar britânica na Noruega trouxe à superfície do debate parlamentar os motivos profundos de descontentamento que agitavam a nação britânica. Nos dias 7 e 8 de Maio, realizaram-se, na Câmara dos Comuns, duas sessões demoradas em que foi tratado o assunto capital da condução da guerra e da insuficiência manifestada pelo gabinete Chamberlain para a realizar em condições de êxito. Era necessário dar ao esfôrço da Grã-Bretanha um impulso novo. Era, sobretudo, indispensável animar o partido trabalhista, quer dizer o proletariado britânico, à tarefa comum e urgente da salvação nacional.

Usaram da palavra diversos oradores que criticaram vivamente a acção do govêrno e apontaram a sua falta de visão e de precisão como a causa fundamental das dificuldades em que o país se debatia. Os mais categorizados elementos dos partidos trabalhista e liberal não pouparam censuras ao Primeiro Ministro. O mesmo fizeram alguns dos seus correligionários cuja atitude intransigente era há muito conhecida em todo o mundo.

Foi um dêstes, o deputado Leopoldo Amery, conservador da facção chamada «imperialista», que decidiu do curso do debate num repto oratório dirigindo-se, dramàticamente, ao sr. Chamberlain para lhe dizer evocando a frase famosa de Cromwell: «Em nome de Deus, vá-se embora!»

As tropas inglêsas acabavam de evacuar Namsos e Andalsnes, na Noruega, podendo assim considerar-se liquidada a resistência neste país. A notícia contribuiu para exaltar ainda mais os ânimos, pois de posse dos portos da costa ocidental da Escandinávia, os alemães ficavam em condições de atacar directamente a costa inglêsa e havia em Londres um conhecimento exacto do valor e da potência do exército aéreo que o marechal Goering forjara. O episódio norueguês foi o pretexto para rememorar o passado de culpas e de fraquezas do partido conservador e do seu chefe e o motivo imediato da sua demissão. Posta a questão de confiança, esta foi votada por 281 deputados e rejeitada por 200. Dada a constituição sólida do bloco parlamentar que até ali apoiava o govêrno, o significado da votação não podia ser iludido.

Marechal Von Rundestedt

UM GOVÊRNO DE UNIÃO NACIONAL

No primeiro impulso, o sr. Chamberlain tentou ainda recompor o govêrno da sua presidência. Para isso avistou-se com os dois elementos mais categorizados do partido trabalhista, os srs. Attlee e Greenwood, preguntando-lhes em que condições êles aceitariam participar num gabinete reconstituído. Depois duma reünião com os seus correligionários, aqueles políticos estavam em condições de responder ao sr. Chamberlain que, em hipótese nenhuma, o partido trabalhista aceitaria colaborar com êle. Simultâneamente o sr. Chamberlain avistou-se com o chefe do grupo parlamentar liberal, Sir Archibald Sinclair, que lhe deu uma resposta idêntica.

Estas diligências prolongaram-se até ao dia 10 de Maio, data em que as tropas alemãs, invadindo a Holanda e a Bélgica, deram o sinal da grande ofensiva que ia liquidar a situação no ocidente europeu. A solução da crise tornou-se, assim, urgente e evidente o sentido em que ela deveria realizar-se. O soberano chamou Winston Churchill ao palácio de Buckingham e encarregou-o de constituir um govêrno de união nacional, tarefa de que êle ràpidamente se desempenhou. Nesse govêrno estavam representados todos os agrupamentos que tinham assento no parlamento britânico: conservadores, trabalhistas, liberais, liberais nacionais e trabalhistas nacionais. Mas era, sobretudo, ao aspecto da competência pessoal dos seus delegados que o chefe do novo gabinete atendera. Da antiga equipa ministerial ficavam alguns elementos responsáveis pela política de apaziguamento: os sr. Chamberlain (lord presidente do Conselho, função puramente honorífica), lord Halifax (ministro dos negócios estrangeiros), sir Kingsley Wood (tesourarias) e John Anderson (interior). Dos conservadores que se tinham manifestado contra a política de apaziguamento entraram para o govêrno os srs. Eden (guerra), Duff Cooper (informações) e Amery (Índia). Os trabalhistas estavam representados pelos srs. Attlee (lord do sêlo privado), Morrison (correios), Greenwood (ministro sem pasta) e Dalton (ministro da guerra económica). O chefe liberal Sinclair assumia o encargo de dirigir a pasta da aviação e o trabalhista Alexander era escolhido como Primeiro Lord do Almirantado. A pasta da produção aeronáutica, recemcriada, foi entregue a um magnate da indústria jornalística, Lord Beaverbrook.

SANGUE, TRABALHO, LÁGRIMAS, SUOR

Com a constituição do gabinete Churchill coincidiu a criação dum novo gabinete restrito de guerra em que entravam, além do Primeiro Ministro, que era também ministro da defesa nacional, os srs. Attlee, Chamberlain, Anderson, lord Halifax, Kingsley Wood, lord Beaverbrook e o trabalhista Ernest Bevin, elemento preponderante na organização sindical britânica (Trade Unions), a quem fôra confiada a pasta do trabalho.

O sr. Churchill, com os seus colegas, apresentaram-se ao Parlamento no dia 13 de Maio. Tanto nos Comuns como na Câmara dos Lords, foi aprovada uma moção de confiança por larga maioria. Nesse documento dizia-se: «A Câmara aprova a formação do novo govêrno que representa a unidade da nação e a sua decisão inflexível de continuar a guerra até alcançar uma vitória completa contra a Alemanha».

Foi nessa ocasião que o sr. Churchill proferiu o primeiro de uma série memorável de discursos que contribuíram, durante o período mais grave que a história da Grã-Bretanha registou, para conservar elevado o moral da nação e tomar as medidas de excepção indispensáveis para remediar os erros cometidos e as faltas unânimemente denunciadas.

«Digo à Câmara o que disse aos homens que me acompanham e se decidiram a assumir comigo nesta hora uma tarefa tão pesada. Nada tenho para lhes oferecer a não ser sangue, trabalho, lágrimas, suor. A política do novo govêrno é simples: conduzir a guerra com tôdas as nossas fôrças. O seu objectivo concreto: alcançar a vitória. Essa vitória será alcançada à custa de todos os sacrifícios e a despeito de todos os terrores. Tomo conta do meu cargo com boa vontade e esperança. Estou certo de que, se a soubermos defender, a nossa causa

General Von Leeb

se não perderá».

Era bem pesada a tarefa de que o sr. Churchill se encarregava. Os acontecimentos, que iam desenrolar-se com uma rapidez vertiginosa, contribuiriam ainda para a tornar mais pesada. Herdeiro duma situação quási desesperada, isento de culpas que estavam na origem e eram a causa dessa situação, o seu trabalho consistia em reanimar a nação britânica descrente dos seus dirigentes e dos seus chefes e organizar a sua participação na luta, que era de vida ou de morte. Para isso não havia um minuto a perder.

O DISPOSITIVO DOS ADVERSÁRIOS

Cada um dos adversários, naquele dia 10 de Maio, esperava, ou fingia esperar, que o outro deslocasse as suas tropas passando através de dois países neutros, a Holanda e a Bélgica. As tentativas nesse sentido e a actividade da propaganda davam conta dêsse estado de espírito. Certamente por isso os exércitos que se defrontavam, dum lado o exército alemão, do outro o exército franco-britânico (tinha desembarcado em França um corpo expedicionário inglês com um total de 350 mil homens, sob o comando de Lord Gort), alinhavam de maneira sensivelmente idêntica.

Do lado alemão, a direita era ocupada pelo grupo de exércitos comandado pelo general von Bock, no centro estava o grupo de exércitos de von Rundstedt, e à esquerda o grupo de exército do comando do general von Leeb. Êstes dois últimos chefes militares tinham sido atingidos pela depuração de Janeiro de 1936, regressando ao serviço em seguida à declaração de guerra. Do lado francês, a disposição era a seguinte: a oeste, entre o mar e Longwy, o grupo de exércitos comandado pelo general Billotte, fazia face às fôrças de Bock e Rundstedt; entre Longwy e o Reno, prolongando-se até à Alsácia, estava o grupo de exércitos n.º 2 do comando do general Prételat, o qual enfrentava os alemães de von Leeb; a partir de Selestat, até à fronteira suíça, havia o grupo de exércitos n.º 3, cujo comando fôra confiado ao general Besson.

Para conjurar o perigo duma penetração alemã na Bélgica, tinham sido encaradas várias soluções prováveis. Depois de madura reflexão, o generalíssimo Gamelin adoptou o plano conhecido pela designação de «manobra do Dyle». Em caso de invasão pela Holanda, a extrema esquerda do dispositivo francês avançaria para penetrar neste país. Era, por consequência, ao 1.º grupo de exércitos que competia a tarefa de fazer inicialmente frente ao avanço dos alemães. Êstes não ignoravam que o 1.º grupo de exércitos aliados compreenndia a quási totalidade das fôrças blindadas e motorizadas de que dispunham.

Êsse 1.º grupo compreendia cinco exércitos: o 7.º, comandado pelo general Giraud, o corpo expedicionário britânico (comandante, lord Gort), o 1.º exército às ordens do general Blanchard, o 9.º, exército de Corap, e o 2.º, exército de Huntziger. A entrada dos alemães na Holanda e na Bélgica, iniciada na madrugada de 10 de Maio, não era, portanto, nem uma surprêsa nem uma novidade.

O PLANO DE GAMELIN

Ao 7.º exército (Giraud) fôra cometida a missão de penetrar na Bélgica e avançar até às bocas do Escalda. O corpo expedicionário britânico, que não dependia directamente de Gamelin, devia ocupar Antuérpia e Gand. O 1.º exército (Blanchard) tinha que avançar, instalando-se na linha defensiva Wavre-Namur. O 9.º exército (Corap) devia, igualmente, entrar na Bélgica e estabelecer-se no Mosa, defendendo o curso dêste rio entre Namur e Mézières (a parte correspondente ao macisso das Ardennes). Inicialmente o 2.º exército (Huntziger) estava encarregado de assegurar o êxito desta manobra, defendendo do avanço do inimigo a região histórica de Sédan. O exército belga dispusera-se ao longo do arco de circunferência que se estende entre Antuérpia e Namur. A sua tarefa principal consistia em evitar a passagem dos alemães pelo canal Alberto e defender a praça forte de Liège.

Alexander, uma das principais figuras do partido trabalhista, a quem Churchill confiou no seu govêrno o alto cargo de Primeiro Lord do Almirantado

Dêste dispositivo resultavam duas conclusões evidentes: os aliados não pensavam em tomar a ofensiva, quaisquer que fôssem as circunstâncias criadas pela iniciativa do inimigo; o seu plano consistia, essencialmente, em defender uma frente encurtada (Antuérpia e Namur) de preferência à linha sinuosa e incerta da fronteira. O comando franco-britânico considerava que a zona da frente ocupada pela linha Maginot se encontrava suficientemente protegida. A manobra que encarava dizia respeito, exclusivamente, à parte compreendida entre o extremo norte daquela linha fortificada e o mar.

Os alemães, pelo contrário, manifestaram, desde o primeiro momento, a sua decisão firme de tomarem a ofensiva e de correrem todos os riscos que esta comportava. O seu plano de campanha foi claramente revelado num discurso que mais tarde proferiu o chanceler Hitler:

Marechal Von Bock

Gamelin, o generalíssimo francês, com Lord Gort, comandante-chefe do corpo expedicionário inglês em França

«Os exércitos alemães tinham por missão penetrar nas posições inimigas colocadas ao longo da linha fronteiriça, do Mosela ao mar do Norte, ocupar a Holanda, avançar até Antuérpia e a linha do Dyle, tomar Liège e, com as suas fôrças de assalto, atingir o curso do Mosa e forçar uma passagem em Sedan, concentrando neste ponto o pêso das suas divisões blindadas e motorizadas disponíveis, para, finalmente, se estenderem até ao mar, apoiando-se na rêde fluvial do Aisne e do Somme».

Êste plano foi rigorosamente executado.

PRECAUÇÕES NA HOLANDA

Seis dias antes, na madrugada de 4, o govêrno holandês fôra prevenido, por uma forma imprevista, são do seu território. Como mais tarde haviam de revelar alguns dos seus membros mais representade que devia acautelar-se. Estava iminente a invativos, não foi dada desta informação fidedigna qualquer informação a Londres ou a Paris. Em Haia, tinham resolvido fazer uma política que não comprometesse os interêsses do país aos olhos dos alemães e, de acôrdo com êsse pensamento, foram tomadas medidas militares de certa envergadura sem dar a perceber o que se preparava. As estradas foram obstruídas a-fim-de impedir que os aviões pudessem pousar nelas. Os camiões e os omnibus velhos realizaram a parte principal nesse trabalho de obstrução. Foram suprimidas as licenças ao exército. A vigilância na fronteira alemã intensificou-se. Nas estradas e nas pontes colocaram-se cargas de dinamite. Também se tomaram providências adequadas para a hipótese dum desembarque na costa. Os homens encarregados de acautelar a

O general Dietl, que comandou as tropas alemãs em operações na região de Narvik

segurança da nação estavam nos seus postos. Na noite de 9 de Maio, receberam uma informação precisa: «É àmanhã de madrugada».

O ministro da Defesa Nacional, coronel Dijxhoorn, foi imediatamente avistar-se com o colega dos negócios estrangeiros, o dr. van Kleffens. À sua conversa, prolongada durante a madrugada, assistiram alguns altos funcionários que ali se encontravam. Todos se mostravam calmos, a-pesar-da gravidade da situação. A cidade, na ignorância do que se passava, repousava tranqüila. Nenhum sinal exterior denunciava a existência dum perigo próximo. Como medida de precaução, e prevendo a eventualidade de uma acção da quinta coluna, semelhante à que se desenvolvera na Noruega, foram presos alguns centos de alemães há muito residentes no país. O dr. van Kleffens aguardava que, de um momento para outro, lhe fôsse entregue um ultimato. Como êste não chegasse, resolveu, por volta das duas da madrugada, ir repousar. Mal se deitara, foi acordado por sua espôsa que era portadora de notícias pouco tranqüilizadoras. Um ruído estranho enchia o céu da capital. Algumas pessoas inquietas começaram a encher as janelas. Constataram imediatamente que a aviação alemã voava sôbre a cidade da Haia, dominada quási instantâneamente por um sentimento geral de estupefacção.

UM APÊLO AOS ALIADOS

Que se passava efectivamente? Os telefones oficiais não tardaram a dar as primeiras notícias que eram alarmantes. Os principais aeródromos do país estavam a ser bombardeados e ocupados: Waalhaven, Bergen, Schiphol, Kooy. De repente, desencadeou-se sôbre a capital um trovão. A artilharia anti-aérea entrou em acção. Mas o número de aviões alemães aumentava incessantemente e o ruído de explosivos abafava a voz dos que imploravam socorro ou aconselhavam calma.

Major Atlee

Archibald Sinclair

Amery

O ministro holandês em Bruxelas comunicou que a Bélgica estava também sujeita a violentos bombardeamentos aéreos. As tropas alemãs, anunciava aquele diplomata, acabavam de atravessar, em grande número, a fronteira do Luxemburgo. Foi então que o sr. van Kleffens enviou um telegrama cifrado aos representantes da Holanda em Londres e Paris dizendo-lhes que deviam tomar conhecimento e cumprir imediatamente as instruções secretas que pouco tempo antes lhes tinham sido enviadas. A Holanda, cujo território estava sendo ocupado pelas tropas alemãs, pedia auxílio aos governos da França e da Grã-Bretanha.

A Bélgica procedia de maneira idêntica. O apêlo era tardio. Insuficiente era o auxílio de que os aliados franco-britânicos dispunham para corresponder aos pedidos formulados numa hora angustiosa. A realidade da impreparação militar excedia as previsões mais pessimistas. Os alemães iam lançar na batalha as suas divisões blindadas (divisões Panzer), de alto poder ofensivo, e uma numerosa aviação de caça. Calcula-se que cinco mil aparelhos (3.500 bombardeiros e 1.500 aviões de caça) entrassem em linha para a batalha do ocidente. A França e a Inglaterra tinham para opor a esta fôrça alguns centos de aviões franceses e os primeiros aparelhos da R. A. F. que iam dar brilhantemente as suas provas. No total, os efectivos aéreos franco-britânicos não iam muito além de mil e duzentos aviões de diversos tipos. O mesmo podia dizer-se em relação às fôrças blindadas e motorizadas. Nem em Paris nem em Londres tinham sido ouvidos os conselhos e as sugestões de dois técnicos de alto valor, o francês De Gaulle e o inglês Martel, que preconizavam a construção de milhares de carros como condição essencial para alcançar a vitória na guerra que se aproximava. Êste êrro foi pago dolorosamente pelos dois países.

(Continua)

O DR. CAEIRO DA MATA, ministro de Portugal em Vichy, entregando ao Marechal Petain um retrato do dr. Oliveira Salazar.

O TENENTE-CORONEL AVIADOR PINHEIRO CORREIA fazendo, na Casa de Leiria, a sua conferência sôbre as figuras militares do distrito.

O PROF. FEZAS VITAL pronunciando a sua palestra na Liga de Acção Católica.

PANORAMA INTERNACIONAL

Por FRANCISCO VELLOSO (Conclusão da página 2)

De Brinon referia-se decerto ao artigo que no *Nouveaux Temps*, Jean Lucaire, há pouco escreveu, segundo relato da agência oficial alemã, denunciando «a atenção que em Vichy se presta às insinuações do embaixador americano Leahy» e que «Vichy como criança de dezóito meses está a brincar com o fogo».

Por outro lado, a reforma parcial do govêrno inglês que entrega a Lord Beaverbrook a direcção suprema da produção marca predominantemente a tensão alta de um esfôrço supremo que aliás vibrou nos dois últimos discursos de Churchill e sobretudo no seu apêlo final aos Comuns e à opinião pública, aos quais não escondeu haver chegado a hora crítica de pôr os nervos à prova.

PROBLEMAS GRAVES

KNOX

Os problemas levantam-se como os cuidados. Nos gabinetes onde se gisam os grandes projectos das duas coligações hão de pairar ambientes de febre. E é preciso considerar que a guerra e a situação internacional hajam começado a entrar em nova fase, e que esta terá sobretudo na Europa o seu acúme, para se compreender, num período como êste de preparativos e aprestos, que a Inglaterra, ao abrirem-se os assaltos nipónicos à base de Singapura (veja-se como o Japão atacou no Oriente num dos enlaces do bloqueio descrito pelo jornal alemão) não possa estar ali em plena fôrça, do mesmo modo que Hitler tem de dar balanço às suas disponibilidades.

Sabe-se, por exemplo, que o poder de imediata agressão da *Luftwaffe* está sensivelmente reduzido, devido ao desgaste na Campanha da Rússia. Assim se explica, em parte, a grande concentração de planadores que os alemães estão realizando nos seus aeródromos, aparelhos muito mais baratos, que se constróem com muito maior facilidade, e facilitam enormemente uma invasão de tropas aéro transportadas — por exemplo no Egipto, com os efectivos alemães que chegam à Itália.

A ameaça será gravíssima de aqui a dois meses — dizem de Londres — quando a aviação alemã, tiver tido tempo para se refazer das grandes perdas sofridas, entrando depois em declínio, à medida que se fôr realizando o programa norte-americano. Isto revela a média do tempo bastante para que o agrupamento aliado possa entrar em acção e que Hitler só não aproveitará se a ofensiva russa se tornar alarmante.

Até lá... Knox que no dia 29 fôra declarar ao Senado de Washington que os «Estados Unidos terão a supremacia em todos os mares do Mundo, logo que esteja executado o actual programa de construções navais», voltava lá no dia 2 a explicar a razão de novos créditos, afirmando que a manutenção das comunicações transatlânticas entre os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a Rússia «era de capital importância»; que os Estados Unidos não poderiam esperar resultados rápidos na guerra naval porque era necessário bastante tempo para construir fôrça suficiente para tomar a iniciativa. E acrescentou: «É um problema que nos obriga a fazer o máximo que pudermos. Até agora, temos tentado lutar em dois oceanos com a esquadra só de um. Vai levar algum tempo a construir o nosso poderio. A situação no Extremo Oriente é crítica devido às grandes distâncias».

E se isto assim se verifica nos Estados Unidos, como pode a esquadra submarina alemã acudir ao Mediterrâneo e exercer com eficácia a guerra no Atlântico?

UMA VOZ NO «BLAKCOUT»

JOHN DOS PASSOS

Os círculos concêntricos estão delimitados. A guerra, vai prosseguir no espaço que os separam. Mas para além desta realidade, tudo se torna inapreensível. Rumores de vozes. Aprestos nos arsenais.

Uma noite, em fins do ano passado, no *blackout* de Londres, John dos Passos topou no estanco de bebidas do seu hotel faces coradas de oficiais canadianos, galhardos e fortes. Trava conversa com um dêles e escuta:

— Eh! Tôdas essas *blagues* de mandar armas para Vladivostok é pura utopia. É preciso ajudar os russos, sim, mas para que ir tão longe? Porque não desembarcar tropas na Bretanha? Não querem perder material? Pois não é preciso material! Uns milhares de homens com canhões anti tanks e um poderoso apoio de aviação. Isto basta para começar num ponto da costa. A população correrá para nós. Quarenta milhas num ponto da costa bretã, e agüentar os alemães a pé firme. Nós, o Canadá, acordaremos a França. É aqui em frente. O que é preciso, é combater. Para quê mandar um exército dar a volta ao mundo para bater os alemães? É preciso ir agarrá-los onde êles estão! Diga isto! É o que nós queremos!

O ilustre escritor anotou bem o episódio com o qual pode fazer-se uma gravura para o último discurso de Churchill. E depois de ouvir o oficial enervado, saiu para a escuridão das ruas, para mergulhar, nas sombras da noite, tão inapreensíveis como as indecisões desta fase histórica da guerra...

«LÔBOS DA SERRA», o novo filme de Jorge Brum do Canto para a Tobis Portuguesa, estreia-se no próximo dia 23, simultâneamente em Lisboa e no Pôrto, nos cinemas Tivoli e São João Cine. Compreende-se a ansiedade do público por esta estreia, não só por se tratar da primeira produção da Tobis, depois de «João Ratão», como ainda por ser assinada pelo realizador daquela película e da «Canção da Terra», que imprime sempre aos seus trabalhos um cunho artístico, que os destaca da produção corrente. Filme sério, honesto na intenção e nos processos — «Lôbos da Serra» vai por certo confirmar tudo quanto dêle se espera. A gravura mostra-nos uma cena do filme, no qual se vêem, da esquerda para a direita, Manuel Santos Carvalho, António de Sousa, Maria Domingos, Carlos Otero e Maria Emília Vilas, que desempenham os principais papéis — ao lado de António Silva, Costinha e Silva Araújo.

PEQUENA VIAGEM À VOLTA DOS RELÓGIOS DE LISBOA

(Conclusão da pág. 8)

ver o Terreiro do Paço... Os pombos poisam no seu relógio, beijam-se nos seus ponteiros, e êle pára, enternecido... Agora mesmo, se o nosso relógio de pulso nos não engana, está atrasado dez minutos... Mas quantos não teem relógio, acertam o ritmo dos seus passos olhando lá para cima, para o Arco do Triunfo — porta aberta para o rio desta Lisboa das sete colinas.

IV

Rua Nova do Almada. Mais relógios; mais horas que caiem, amargas para alguns, serenas ou confiantes para outras.

E nós subimos sempre — cadenciadamente, como um pêndulo de relógio. Chiado. Paisagem citadina. «Que perfume deixou aquela Senhora no ar...» Seguimos... Largo do Chiado: — ao longe, um Camões de pedra cercado de pombos...

Fiquemos por aqui. Tomemos um café e vejamos quem passa...

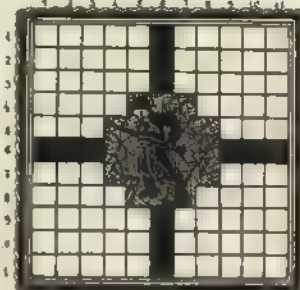
São onze e meia da manhã no relógio de «A Mundial». E aquêle relógio grita a quem passa que tôdas as horas são boas, das dez ao meio dia e meia hora e das duas às seis, para fazer um seguro. Vamos olhando quem entra: — aquêle vai fazer um seguro de incêndio (depois da casa arder é muito tarde... — sejamos previdentes); o outro vai fazer um seguro de vida (o que será da família quando morrer? — pensou); aqueloutro vai segurar o pessoal duma fábrica contra o risco de acidentes de trabalho (transfere a tua responsabilidade e viverás mais descansado — disse-lhe alguém); — e todos entram a porta do Largo do Chiado, n.º 8... Lá em cima, um pessoal atencioso informa e esclarece.

V

São onze horas e meia no relógio de «A Mundial». Aquela Senhora que vi entrar agora para o edifício da Companhia talvez vá segurar os seus cristais, ou a casa contra roubo («depois da casa roubada trancas à porta...»), ou ainda a criada de servir, que pode sofrer um desastre na lida da casa de um momento para o outro e que, ao abrigo da Lei, está debaixo da sua responsabilidade. «Transfira a sua responsabilidade» — é esta a frase que martela nos seus ouvidos —. Talvez um dia agradeça à Providência a sua boa inspiração e à «A Mundial» a zelosa organização dos seus serviços.

Mas nós, que somos previdentes e já nos segurámos, olhamos novamente o relógio de «A Mundial» e vamos beber um café, antes que chegue a hora do almôço... Com êste frio — um café está mesmo a calhar...

A. M.

VARIEDADES

PROBLEMA N.º 12

HORIZONTAIS: 1 — Famílias; Copos. 2 — Louco; Bronze. 3 — Condenar; Escolher. 4 — Tomar posse (de uma herança); Brilhe. 5 — Catálogo; Oriental. 7 — Pègadas; Mulher de muito pequena estatura. 8 — Comedor; Argolas. 9 — Soar; Elevais. 10 — Segurará; Colera. 11 — Curas; Os restos mortais.

VERTICAIS: 1 — Girar; Mentiras. 2 — Charrua; Faz a edição de. 3 — Lugar onde se alojam cães; Remediar. 4 — Amarrar; Comida. 5 — Pessoa; Batráquios. 7 — Contracção de tanto; Cinto. 8 — Levanta âncora; Filas. 9 — Cama pobre; Laurais. 10 — Presado; Desposado. 11 — Espaço de tempo entre o anoitecer e a hora a que nos deitamos; Abundante.

Solução do problema n.º 11

HORIZONTAIS: 1 — Pua; Lá; Bia. 2 — Enga; Mando. 3 — Aa; Ai; To. 4 — Brigar. 5 — Au; Ama. 6 — Mir; Um. 7 — Nova. 8 — Ee; A; T. 9 — M; T; Fá. 10 — Abandara. 11 — Atum; Orate. 12 — Natal; Adem. 13 — Alar; Brasa.

VERTICAIS: 1 — Pé; Ana. 2 — Una; Atal. 3 — Agabam; Embuta. 4 — A; Ruina; Amar. 5 — L; Ai; Ro; Tu; L. 6 — Amiga; Vá; Ló; B. 7 — A; Amas; Farar. 8 — Entram; Tarada. 9 — Ido; Ates. 10 — Ao; Ema.

Vida Mundial Ilustrada

JOSÉ CANDIDO GODINHO — Director: JOAQUIM PEDROSA MARTINS — Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.º—Lisboa—Tel. 25844
Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), Ltd.ª — Travessa da Condessa do Rio, 27—Lisboa. DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS para Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 19, 2.º—Telefone 2 6942.
VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A ESFERA MISTERIOSA

Grande romance policial do escritor americano Max Felton

Especial para "Vida Mundial Ilustrada"

(Continuação dos números anteriores)

CAPÍTULO VIII

SUSPEITAS E MAIS SUSPEITAS

CHARLES Read atirou-se inerte como um fardo para o fundo de um «maple».

— Estou arrazado... — murmurou êle. — Receio que tôda esta embrulhada seja superior às minhas fôrças...

E quedou abismado em seus pensamentos tumultuosos, com a fronte encostada à mão e o cotovelo fincado no braço do assento.

Jack Harman contemplava-o em silêncio. Êle mesmo não sabia o que pensar do que sabia a respeito da esfera misteriosa, e não sabia tudo. Faltava-lhe conhecer que conversa tivera o «detective» com a filha do milionário, à qual o seu instinto atribuia, sem bem saber porquê, uma grande importância. Quis, porém, deixar sossegar o amigo, para depois, com mais serenidade, o interrogar sôbre êsse pormenor. Achava que era absolutamente necessário assentar em idéias mais ou menos definidas sôbre o assunto. Naquelas vinte e quatro horas não se fizera mais do que tactear, sondar, e os resultados dessas sondagens eram cada vez mais desconcertantes.

Parecia uma meada que se ia embaraçando, mais e mais, em vez de se deslindar.

O «detective», aparentemente em repouso, entregava-se nesse mesmo instante a um trabalho mental extenüante. Esforçava-se por aproximar factos, procurar-lhes analogias, dar-lhes seqüência, mas não conseguia mais do que perder-se no caos.

— Não sei, não sei... — murmurou êle, decorrido um largo instante de silêncio. — Por mais que eu queira orientar-me, não descubro o caminho que hei-de seguir.

Foi então que Jack Harman aproveitou o ensejo para formular uma pregunta que lhe queimava os lábios.

— Dize-me o que se passou na entrevista com «miss» Maud. Ela sabe alguma coisa da esfera misteriosa?

Charles Read esboçou um sorriso indefenido, que ainda mais impacientou o ajudante, e, sacudindo os ombros, num desalento, respondeu:

— Não era para me falar do suposto roubo da fábrica que ela pedia a minha comparência. Era, realmente, para tratar do caso da esfera de aço.

Harman lançou-lhe um olhar ávido de curiosidade e, como Read prolongasse demasiado a pausa, inquiriu:

— E que sabe ela?

— Olha para te falar franco — respondeu o «detective», — não percebo até que ponto vão os seus conhecimentos sôbre o asunto. Umas vezes parece-me que sabe muito, outras que não tem do caso senão uma noção muito vaga. Um facto positivo, no entanto, se conseguiu apurar: John King está iludido quando afirma que nem a mulher nem a filha teem sequer conhecimento da existência da esfera de aço. Neste ponto, está êle redondamente enganado. Pelo menos, Maud sabe que a esfera existe e que foi roubada.

— Resta determinar que importância pode ter, para a resolução do problema, o facto de Maud saber o que sabe — disse Jack Harman.

— Mas o que é curioso — acudiu Charles Read — é que «miss» Maud me pediu para não tratar do caso.

— Que interêsse poderá ela ter em que a esfera não se descubra? — preguntou Jack Harman, franzindo o sobrolho com desconfiança.

— Ela alega que essa maldita esfera de aço só tem dado preocupações, canseiras, arrelias o seu pai — retorquiu o «detective».

— Acha que aquilo não passa de uma mania, e que a posse da esfera não virá dar a John King nem mais fortuna, nem mais felicidade.

Harman escutava o seu amigo sem lhe perder uma palavra, e procurava no seu relato uma fresta por onde pudesse antever a verdade, ou uma réstea de luz, embora leve, que incidisse sôbre alguma pista sólida.

Maud King, parecendo muito expansiva, na entrevista que tivera com o polícia, fôra, no entanto, pelo que êste poude observar, bastante reservada, de maneira que Read não podia afirmar se ela só dissera o que sabia ou apenas o que lhe convinha.

Quando o «detective», encarando-a bem nos seus olhos azuis, muito doces, lhe preguntou se ela não tinha mais nenhum interêsse em que o pai deixasse de ocupar-se do desaparecimento da esfera, ela sorriu e murmurou:

— Espero que «mister» Read não vá suspeitar de mim...

— Longe de mim tal idéia — desculpou-se o polícia.

Maud, então muito séria, afirmou:

— Garanto-lhe que o único interesse que me move é o sossêgo, a tranqüilidade de meu pai.

— Isso só prova o carinho que seu pai lhe merece — comentou delicadamente Charles Read, sem, no entanto, deixar de pensar no azedume que notara entre ela e King, durante o jantar do dia anterior.

— Creio que tenho por meu pai uma veneração enorme — disse Maud, num tom grave. — Já o tenho aconselhado a deixar-se de negócios, a sossegar. A fortuna que temos chega e sobeja. Lembrei-lhe até que liquidasse todos os seus negócios, vendesse as suas fábricas e fôsse connosco para umas propriedades que temos na Califórnia e onde às vezes passamos férias deliciosas. E, talvez, não acredite, tenho a impressão de que, se não fôsse aquela mania de readquirir a esfera, há muito que êle teria seguido o meu conselho.

— Mas porque razão tem seu pai tanto apêgo a êsse objecto, afinal insignificante? — preguntou capciosamente o polícia, na esperança de obter enfim qualquer indicação sôbre êsse ponto enigmático do problema.

Maud, ou não se deixou colher de surprêsa, ou na verdade se exprimia sinceramente.

— Sei lá?! Creio que é uma mania. Aquilo representa para êle uma espécie de talisman. A verdade, porém, é que, com esfera ou sem esfera, meu pai tem sido sempre mais ou menos feliz nos negócios.

Até que ponto falaria Maud verdade? Era outro enigma que Charles Read não conseguia decifrar. Verificava apenas que Maud tinha tanto interêsse em que a esfera se conservasse perdida quanto o pai em rehavê-la. O seu instinto avisava-o de que havia ali um mistério que ainda não podia penetrar.

— Acaso viu alguma vez a esfera? — preguntou Read, de chofre.

Maud tardou um momento — apenas um segundo — a sua resposta.

— Não — redarguiu ela, por fim. — Sei que meu pai a guardava, ou melhor, depreendi que êle a escondera num cofre secreto, que existe na parede do escritório. Suponho que êle lhe deve ter mostrado ontem êsse cofre. Mas ninguém toca naquêle monstro oculto, porque se sabe que está electrificado e daria morte instantânea ao bisbilhoteiro. Aliás, os únicos pessoas que sabem da existência dêsse cofre é êle, eu, minha mãi e agora o senhor.

— Nesse caso ignora o que a esfera contém... — insinuou Read.

Maud limitou-se a encolher os ombros e a sorrir. Depois disse:

— Não sei e confesso que não tenho vontade de o saber. O que eu desejaria era que meu pai nunca mais pensasse nisso. Foi, por essa razão, que lhe pedi o grande favor de vir falar-me. Eu sei que meu pai lhe prometeu uma boa indemnização no caso de o senhor rehaver a esfera. Claro que o seu interêsse é conseguir encontrá-la. A desistência das investigações representaria para o senhor um prejuízo. Mas que lucraria meu pai em rehaver a esfera? Um desassossêgo ainda maior. Depois, viria a preocupação de não voltar a perdê-la. Nem dormiria tranqüilo. Não, é preferível que a esfera não volte às suas mãos! Estou disposta até a fazer mais alguns sacrifícios para que não a readquira.

— Mas já fêz algum sacrifício nesse sentido? — inquiriu mansamente o polícia.

— Sim — confessou «miss» Maud em voz velada. — E dou-o por bem empregado.

Calou-se. Charles Read observava-a atentamente. Ela baixara os olhos ao regaço onde repousava as mãos e brincava nervosamente com os anéis. Suas mãos eram lindas, de uma grande flexibilidade. O rosto de extraordinária perfeição de linhas parecia-lhe mais belo que no dia anterior, assim velado por uma certa melancolia.

Em voz sussurrada ela disse ainda:

— Deixe-me revelar-lho, embora me custe: meu pai teve uma amante. Isso foi para minha pobre mãi um desgôsto enorme. E eu estou convencida de que êle arranjou essa mulher por causa da esfera de aço. Mais uma razão para não querer que êsse objecto volte às suas mãos. Olhe, a um colega seu, um inglês, contei eu êstes factos. Era um «detective» famoso que vinha na disposição de encontrar a esfera. Pois bem, o homem concordou comigo em que meu pai não teria senão desvantagens em rehavê-la. Chegámos a um acôrdo: paguei a êsse investigador o mesmo que meu pai lhe prometera e o homem partiu para Inglaterra de consciência tranqüila, convencido de que tinha prestado um excelente serviço à nossa família.

Charles Read colocara-se intimamente de sobreaviso. Maud fizera uma pausa e, muito triste, em voz suave e envolvente, prosseguiu pouco depois:

— Podíamos entrar num acôrdo semelhante, «mister». O segrêdo ficava entre nós. O senhor, durante uns dias, mostrar-se-ia muito ocupado numas supos-

(Continua na pág. 19)

— Já sei. Li no jornal.

Figuras da Vida MUNDIAL

MARECHAL PÉTAIN, glorioso herói da batalha de Verdun em 1918, foi o chefe militar e político que a França encontrou após a derrocada de 1940. (Caricatura de Cândido da Costa Pinto).

O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO, votando para a reeleição presidencial.

O SR. DR. OLIVEIRA SALAZAR com o titular da pasta do Interior, dr. Mário Pais de Sousa, saindo da Escola Machado de Castro, onde, no último domingo, votou

O SR. MINISTRO DAS OBRAS PUBLICAS cumpre o seu direito de eleitor.

OUTRO ASPECTO DA REELEIÇÃO do sr. general Carmona para a Presidência da República: o sr. dr. Costa Leite (Lumbrales), entregando o seu voto.

O SR. MINISTRO DA MARINHA entregando o seu voto para o general Carmona.

DOIS ASPECTOS da sessão de propaganda da eleição presidencial efectuada na Sala do Conselho do Estado e durante a qual falou o sr. ministro do Interior.

na Frente Oriental

AS TROPAS ITALIANAS em operações na Rússia têm durante o terrível inverno da região, procurado adaptar-se às condições da guerra, batalhando ao lado das fôrças alemãs e dos países aliados do «eixo». Esta página evidencia alguns aspectos da luta gigantesca que se trava naquêle campo de batalha. À esquerda, em cima e em baixo, soldados italianos nas suas trincheiras, com os seus uniformes de inverno. À direita, em cima, a luta posse duma aldeia do sector de Donetz; em baixo: a guarnição dum morteiro de companha entrando em acção.

CALÇADA DA GLÓRIA

OS inquéritos estão em moda. Pregunta-se tudo. Tudo se quere saber. Pois bem. Esta página permite-se hoje oferecer aos seus queridos leitores uma série de respostas a esta pregunta singular:

— De que vai mascarar-se êste ano?

Há quem afirme que êste ano não haverá Entrudo. Deve tratar-se duma «blague» inventada pelo próprio Carnaval. Na verdade, não acreditamos que o Carnaval — de resto cada vez mais omnipotente — abdique das suas prerogativas. De resto nunca a sua influência foi maior, nunca a repercussão dos seus desígnios foi mais intensa. O mundo gira hoje, como poucas vezes terá sucedido, sob o poder carnavalesco. Dêste modo nem sempre terá sido tão oportuna, como agora, esta pregunta ansiosa:

— De que vai mascarar-se êste ano?

* * *

Afonso Lopes Vieira, monóculo na órbita, não hesita na resposta:

— De D. Pedro I. É a máscara que mais me aproxima de Inez de Castro, a minha bem amada literária...

*

A uma mesa da *Brasileira*, o dr. António Horta e Costa diz-me, tomando a sua eterna chícara de café:

— Como sou Horta e Costa vou mascarar-me de paz para ver se, desta forma, consigo livrar a Costa — e a Horta...

*

— Êste ano não brinco... afirma-me Ruy Coelho, floreteando no ar sua bengala como se fôsse uma batuta.

*

Amarelhe, que vive de fazer as nossas máscaras, ainda não escolheu definitivamente a sua:

— Estou ainda um pouco indeciso, meu amigo. Êste ano talvez me mascare de casaca e chapéu alto. Que diz?

*

— Mascaro-me de mim próprio! — exclama à minha pregunta o laureado poeta Silva Bastos.

*

Manuela Azevedo, que cultiva o jornalismo com a mesma graciosidade com que faz renda inglêsa, explica-me, pondo *bâton* nos lábios:

— Mascarar-me? É inútil. A melhor máscara é ainda aquela que usamos todos os dias...

*

— De que me mascaro?

E Norberto Lopes responde à sua própria interrogação:

— De Norbernstein!

*

Aquilino Ribeiro, à esquina da *Bertrand*, elucida-me:

— Se me mascarasse não tinha que hesitar: sôbre a minha virginal nudez de homem da serra poria o clássico manto diáfano da fantasia citadina...

O TAVARES RICO

Quem é? Quem foi? — Poeta enamorado.
Nasceu e a Musa o seu segrêdo encerra.
Vive do presente e morre p'lo passado
E não se sabe os anos que pisou a terra!

Amou. Amará. Tem sido amado.
Clarão tão forte nem o sol descerra.
Nasceu com asas. É um poeta alado
Como disse Camões — e Camões não erra...

Quem quer que sejas ajoelha e canta.
É o Silva Tavares que o estro espanta.
Escuta tu, vaidoso, que blasonas...

É o poeta da Raça, salvo seja.
Com uma boca rubra, qual cereja.
E uns olhos que são duas azeitonas!

— Quere que lhe diga de que vou mascarar-me êste ano?

— Quero.

E Mendonça de Carvalho, segreda-me:

— De milionário de volfrâmio. É de resto a máscara que está em moda.

*

O actor Carlos Baptista escolheu uma máscara inverosímil: a de homem gordo...

O engenheiro Mariz Fernandes, surpreendido pela minha interrogação, medita um instante:

— Porei uma máscara contra gases, a máscara da hora presente...

*

Ricardo Covões, voz de prima-dona e braços de escultura, mascara-se êste ano de *Viuva Alegre* e o seu inseparável amigo *Esculápio* — de *Conde Danilo*...

Do seu vergel minhoto escreve-me António Corrêa de Oliveira:

— A minha máscara dêste ano é a mesma de todos os anos: à moda do Minho...

*

António Maria de Carvalho (que administra a *República*) já tem pronta a sua capa de Arlequim, tôda aos quadradinhos verdes e encarnados...

*

Mirita Casimiro responde-me, num pronto:

— Êste ano mascaro-me de *D. Quixote*.

— E o Vasco?

— Êsse seguir-me-á vestido de Sancho, cavalgando um Canário...

*

O conhecido economista Anselmo Vieira *faz-me* esta confidência:

— Limitar-me-ei a pôr uma coroa de oiro... O oiro há-de ser sempre, no Carnaval da existência, uma máscara eternamente invejada.

*

António Cruz, que assina a revista *Essa é que é essa* e que tem de suportar inglòriamente duas cruzes, a da revista e o do seu próprio nome, diz, num sorriso triste:

— Êste ano mascaro-me de *Mártir do Calvário*...

*

— E você, ó Artur Portela, que máscara enverga êste ano?

— A de *globe-trotter* que anda a dar a volta ao mundo gráfico.

*

O conselheiro Fernando de Sousa mascara-se de *Colombina*. Ninguém o conhecerá — a não ser pela voz...

*

Mário Marques, humorista de nascença, aparecerá êste ano com uma máscara originalíssima — de *frack*...

— Há-de dar que falar — diz-me êle.

— É para que se não afirme que dos *fracks* não reza a história...

*

— De que se mascara, você, ó Amadeu do Vale?

— De *Saloia de Caneças*.

*

Gustavo de Matos Sequeira há 40 anos que se mascara, invariàvelmente, de ferro-velho...

Luís d'Oliveira Guimarães

A ESFERA MISTERIOSA

(Continuação da pág. 14)

tas investigações, depois declararia muito simplesmente que lhe era impossível encontrar a solução do enigma, o que, aliás, seria bastante aceitável... Eu estou disposta a indemnizá-lo, da minha fortuna pessoal, com duzentos mil dólares, que me parecem bem merecidos, pela paz que a sua desistência traria à nossa casa.

O «detective» não lhe respondeu imediatamente. Aquela jovem tão linda e cativante talvez estivesse agindo na melhor das intenções. Mas quem lhe poderia garantir que não estava obedecendo a um plano criminoso? Quem lhe garantiria que ela não tinha vantagem em que a bola de aço se conservasse oculta? Quem sabe se ela não teria participado no roubo da esfera e agia daquele modo para não ser descoberta?

— «Miss» Maud — pronunciou, por fim, o polícia, num tom grave e sério. — Eu não devo aceitar a sua proposta. Se aceitasse, seria incorrecto para com «mister» King. Compreendo o peso bem os razões muito plausíveis que me apresenta. A minha consciência, a minha lealdade para com «mister» John King obrigam-me a prosseguir nas investigações e a só desistir quando na realidade me convença de que não tenho faculdades para chegar a bom têrmo. Só condições muito especiais e muito fortes me poderiam obrigar a desistir das pesquizas.

— Mas diga quais são essas condições! — exclamou Maud, em voz ansiosa e alterada. — Se acha pequena a indemnização...

— Perdão! — interrompeu energicamente o «detective». — Não é o dinheiro que está em causa neste momento, é a minha honstidade profissional.

Maud King parecia muito perturbada. Respirava a custo. Quereria dizer alguma coisa, mas fazia um esfôrço sôbre si mesma para se mostrar calma.

— Eu só desistiria de entregar, caso a encontrasse, a esfera de aço a «mister» King, nestas condições: se «miss» Maud me dissesse porque motivo êle a deseja em seu poder; se me soubesse dizer quem a furtou e porque motivos a furtou; se me pudesse denunciar onde ela se encontra e o que contém.

— Mas se eu soubesse tudo isso não lhe pediria que desistisse das investigações! — exclamou «miss» Maud. — Se eu soubesse onde está a esfera ia buscá-la, custasse o que custasse, para a destruir!

Read tentava medir até que ponto seria Maud sincera na exaltação, mas não conseguiu destrinçar se estava na presença de uma comediante genial ou de uma jovem realmente angustiada. No entanto, a sua atitude aparecia-lhe envolta numa treva muito densa.

— Lamento — disse êle — não poder aceder ao seu pedido. Terei que ir para a frente, segundo o compromisso que tomei com seu pai. Creio até que, mesmo que êle me mandasse parar, já não desistiria de pôr a nu todo êste mistério. Uma coisa, porém, lhe posso garantir, «miss» Maud, e para isso não necessita de me indemnizar com um cêntimo sequer: se eu, depois do caso perfeitamente esclarecido, vir que a restituïção da esfera pode prejudicar seu pai, voluntàriamente lha ocultarei. E assim terei o prazer de lhe ser prestável, sem lhe ser pesado.

«Miss» Maud quedou em silêncio. Que se passaria dentro daquela cabeça tão gentil? Até que ponto lhe seria prejudicial ou favorável a atitude resoluta do polícia? Era o que êste desejava saber, mas não a logrou adivinhar na expressão impenetrável do seu rosto.

— Seja como o senhor entender — disse ela, enfim, em tom resignado. — Espero que venha a convencer-se de que eu tenho razão no meu pedido.

Quando Charles Read terminou o seu minucioso relato, Jack Harman que o escutara, mui atento, sem o interromper, exclamou, numa súbita exaltação:

— A atitude dessa rapariga é suspeita! O interêsse que ela tem em que tu desistas das investigações não é o de querer livrar o pai de maçadas. Ela receia que tu venhas a encontrar o actual detentor da bola de aço. Ela é talvez conivente no roubo. Não nos devemos esquecer de que pagou uma boa maquia ao polícia inglês para êle desistir das pesquizas. Agora estava disposta a dar-te duzentos mil dólares. Não se dispende assim tanto dinheiro só para que o pai durma sossegado.

— Ela é milionária... — recordou Read.

— Mesmo assim... — tornou Harman, com mais veemencia. — Essa rapariga é suspeita. Deves acautelar-te com ela.

— E que devemos pensar dêste hindú que saíu daqui há pouco? — preguntou Read, mudando sùbitamente o curso à conversa.

— Ignoro o que êle te disse em particular — retorquiu Harman.

Charles Read contou-lhe então pormenorizadamente a conversa que tivera com o delicadíssimo Crisnam Raicar. Harman ouvia-o coçando no queixo e dando mostras de embaraço. Quando o amigo concluiu, comentou numa rizada nervosa.

— Acho também muito suspeito êsse hindú de má morte.

— Afinal suspeitas de tôda a gente! — exclamou Charles Read, sem poder conter uma gargalhada. — E que me dizes do próprio John King?

Jack Harman não respondeu.

— Acha-lo suspeito também? — insistiu o «detective».

O ajudante hesitou um momento e depois pronunciou em voz surda:

— Foi dêle que eu suspeitei primeiramente.

— Chega-se, portanto, à conclusão de que todos são suspeitos: John King, «miss» Maud e o hindú. Se mais algum surgir, nesta embrulhada questão, teremos que metê-lo no rol dos suspeitos.

Retiniu a campainha do telefone, cortando a palavra a Jack Harman.

— Alô — pronunciou Read, levantando o auscultador.

— ...

— Ah! Como tem passado? Há muito tempo que não tenho o prazer de ouvi-lo, nem de o ver.

— ...

— Muito obrigado. Estou inteiramente ao seu dispor.

— ...

— Já sei. Li no jornal...

— ...

— Sim, sim...

— ...

— Se acaso confia no meu fraco préstimo, terei muito prazer em servi-lo. Dê as suas ordens.

— ...

— Hoje ainda? Não poderá ficar para amanhã... Estou tão fatigado...

— ...

— Seja. Se é caso se lhe afiguro tão urgente, estarei aí dentro de um quarto de hora.

— ...

— Até já.

Cortou a ligação. Como Jack Harman lhe lançasse um olhar inquiridor, o «detective» elucidou-o:

— É Jack Stone. Quere falar-me imediatamente para me incumbir das investigações sôbre o desaparecimento de Dorothy.

— Que maçada, nesta altura... — disse o ajudante.

— Realmente, é um assunto que vem num momento pouco propício. Mas que queres? Eu era muito amigo de Dorothy e além disso não quero mostrar-me ingrato para com o meu antigo patrão. Stone tem os seus defeitos, mas não é mau tipo. A não ser que também duvides dêle...

Os dois amigos despediram-se com uma rizada de bom humor.

(Continua)

QUEM ROUBOU? ONDE ESTÁ? QUE CONTÉM?

Os leitores de «Vida Mundial Ilustrada» e do nosso folhetim policial «A Esfera Misteriosa» vão ter uma oportunidade para pôr à prova as suas qualidades de sagacidade e perspicácia.

Acompanhando a leitura da obra de Max Felton, todos podem tomar parte num curioso concurso. Basta que, até ao dia 31 de Março nos mandem, em carta fechada, as respostas a estas três preguntas ligadas com a acção do romance:

1.ª — Quem roubou a esfera misteriosa?

2.ª — Onde está a esfera misteriosa?

3.ª — Que contém a esfera misteriosa?

Os leitores que acertarem com as respostas ficam habilitados a três prémios, a atribuir da seguinte maneira:

1.º prémio — A quem acertar com as três respostas.

2.º prémio — A quem acertar com as respostas a duas das preguntas.

3.º prémio — A quem acertar com a resposta a uma das preguntas.

O CANADÁ COLABORA COM OS PAÍSES ALIADOS na luta contra a guerra submarina do inimigo. A foto mostra-nos marinheiros canadianos a bordo duma nova corveta preparando o lançamento de cargas explosivas de profundidade.